



Universidade da Amazônia

O Missionário

de Inglês de Sousa



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210—3196 / 210—3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

O Missionário

de Inglês de Sousa

CAPÍTULO I

Padre Antônio de Moraes devia chegar a Silves naquela esplêndida manhã de fevereiro.

A carta que escrevera ao Macário sacristão anunciava o dia da partida, designando o pacote, e pedia uma casa modesta e mobiliada simplesmente. Macário fizera o cômputo do tempo necessário à viagem, rio acima até Silves, e espalhara por toda a vila, havia exatamente quinze dias, a notícia da próxima vinda do vigário enviado pelo Sr. D. Antônio “na solicitude paterna de pastor que não descuro a salvação das suas mais obscuras ovelhas”, conforme lera o professor Aníbal na Boa nova da última semana. A casa não fora difícil de arranjar, bem perto da Matriz, na melhor situação, olhando para o lago. Era pequena, mas muito arejada e estava caiadinha de novo. Cedera-a por seis mil-réis mensais o presidente da Câmara, que a mandara preparar para si, com umas veleidades de deixar o sítio ao rio Urubus e vir morar para a vila; mas a força do hábito o fizera desistir do projeto, e depois... a D. Eulália... coitada! não queria ouvir falar em tal mudança, por causa dos seus queridos xerimbabos. Assim o Neves Barriga preferira alugar a casinha, branca e asseada, e resignara-se a continuar enterrado naquele sertão do Urubus, matando carapanãs e fazendo farinha de mandioca. O Antônio Capina, por muito empenho, só pudera fornecer uma mesa de pinho, envernizada e decente e a marquesa de palhinha que fora do último juiz municipal, reformada para servir a “algum desses esquisitos lá de fora que não gostam de dormir em rede”. As cadeiras, a mesa de jantar, o lavatório, a bacia de banho, tinha-os o Macário pedido emprestado ao capitão Mendes da Fonseca, que, em toda a vila, possuía as melhores coisas desse gênero. Para ornar a parede do fundo da sala, o professor Aníbal emprestara uma grande gravura, representando a batalha de Solferino, e retratos de Pio IX, de Antonelli, de Cavour, da princesa Estefânia e do conselheiro Paranhos. A louça, tanto a de mesa como a de cozinha, compunha-se do que o Macário pudera arrancar à cobiça da Chiquinha do Lago, restos do espólio do finado padre José, e do que comprara na casa do Costa e Silva. Estava tudo decente.

Depois de aprontar a casa e arranjar a mobília, Macário assumira as funções de diretor da recepção do novo pároco e, naquele dia, ao romper da alva, envergara a sobrecasaca de lustrina, pusera na cabeça o seu boliviano de seis patacas, engolira, a ferver, uma tigela de chá de folhas de cafeeiro adoçado com rapadura, e saíra para a rua, não se podendo ter dentro de quatro paredes, cheio de ansiedade, receando o surpreendesse o apito do vapor, ardentemente esperado.

Era ainda muito cedo. Macário deteve-se à porta, olhos na rua, desejando avistar um amigo, um vizinho, uma criatura qualquer com quem desabafasse a extraordinária emoção da hora, até ali nunca esperada, de ser o diretor da recepção, o organizador da festa, a fonte de informações, o único homem da vila que entretinha relações com S. Rev.^{ma}, a quem S. Rev.^{ma} escrevia.

A rua estava deserta e as casas fechadas. Macário, passeando a sapata de pedras desiguais, esburacada e velha, não podia expandir a agitação intestinal que lhe escaldava o sangue e bulia com os nervos; só oferecia derivativo à atividade a que se entregava a passos incertos, zigzagueando às vezes como um ébrio,

dando topadas que lhe irritavam os calos e despelavam o bezerro novo das botinas de rangedeira.

O sol subia lentamente no azul esbranquiçado do céu, banhando a frente das casas e dando pinceladas verdes na massa escura da floresta da outra banda. Sobre a superfície do lago Sacracá deslizava pequena montaria, tripulada por um tapuio de movimentos automáticos e vagarosos, que com o remo chato cortava a água cuidadosamente, para não acordar o peixe. Na vila ladravam cães e cantavam galos, e da próxima capoeira vinham vozes confusas de pássaros e de bichos.

Sentindo-se só, Macário concentrava o espírito, sem se deter no espetáculo daquela manhã de sol. O alvoroço da novidade esperada amortecia-lhe a faculdade contemplativa, alheando-o de tudo mais. O seu pensamento estava absorvido naquela idéia, a que lentamente foi relacionando outras, sujeitando ao exame todas as faces da questão. À medida que a consciência assenhoreava-se dum lado do problema, e esclarecia a solução do problema todo. Depois, para bem pesar os resultados, a necessidade da comparação surgia, e então, num tropel confuso, que se ia clareando e ordenando pouco a pouco, vibrando as fibras cerebrais que guardavam a impressão das emoções passadas, as lembranças afluíam, a princípio vagas, depois precisas, exatas, reproduzindo em grandes quadros coloridos os menores episódios, como se fossem da véspera.

A vinda do novo vigário mudava a posição do Macário na sociedade de Silves. Passava a ser II.^{mo} Sr. Macário de Miranda Vale, como delicadamente lhe chamara S.Rev.^{ma} na carta, na querida carta que ele trazia unida ao coração, no bolso interno da sobrecasaca, e cujo contato lhe causava um sensação de esquisito gozo. Aquela carta fora uma patente, fizera-o subir no conceito público e na própria consideração, dera-lhe acesso à classe das pessoas gradas de que se ocupa a imprensa; e publicamente lhe conferira o posto merecido pela inteligência, pela perícia no ofício, pelo seu conhecimento dos homens e das coisas, e do que uma demorada injustiça cruelmente o privara até àquela data.

A idéia acentuava-se no seu espírito liberto de um passado humilhante.

Um homem superior - o novo vigário não podia deixar de ser um homem superior - escrevera ao Macário uma carta muito e muito cortês, chamara-lhe II.^{mo} Sr. Macário, e não simplesmente - o Macário sacristão, como toda a gente; confessara-se seu atento venerador e amigo, muito obrigado; dirigira-se a ele de preferência; o encarregara a ele, de lhe arranjar a casa e a mobília, de o esperar, de o receber, de lhe guiar os primeiros passos no paróquiato de Silves. A vaidade do Macário - posto ele nada tivesse de vaidoso, entumescia-se, um véu caía-lhe dos olhos, via-se outro, não já o triste sacristão maltratado pelo vigário, mas um Macário novo, de sobrecasaca, de cabeça alta, conhecido na capital do Pará, onde alguém - não podia saber quem fora - ensinara o seu nome a padre Antônio de Moraes; um Macário que ao invés do que ousara esperar, ia dar conselho a S.Rev.^{ma}, arranjar-lhe a vida, guiá-lo, mandar, enfim no senhor vigário.

Chegando a essas alturas, vinham-lhe vertigens. Uma ambição desenfreada apoderava-se do seu cérebro, dementando-o. Tinha um ardente desejo de conhecer o digno mortal, o benemérito habitante da cidade de Belém que revelara o seu, até ali, obscuro nome ao ilustre pároco de Silves. Não era tão obscuro como supunha a sua modéstia, espezinhada pelo defunto padre José. Conheciam-no, sabiam-lhe o nome na grande capital do Grão-Pará! Podia pretender tudo.

Mas, por um retorno brusco, recordava-se do nada donde saíra, e enternecia-se, nascia-lhe uma gratidão profunda para com o amigo desconhecido e esse ilustre padre Antônio que o vinha arrancar-lhe ao aviltamento, para lhe matar, duma vez, a

sede de consideração pública, de respeito, de aplausos que consumia a sua vida miserável de sacristão de aldeia.

Fora bem reles a existência até aquela data - a data da carta - digna de ser marcada com uma pedra branca, como se marcam os dias felizes da vida, segundo ouvira ao professor Aníbal ao jantar de casamento do infeliz Joaquim Feliciano. Pai não conhecera, fora-lhe mãe uma lavadeira, tristemente ligada a um sargento do corpo policial de Manaus, desordeiro e bêbado. Macário crescera entre os repelões da mãe e as sovas formidáveis com que o mimoseava o sargento para se vingar do marinho da taverna, farto de lhe fiar a pinga. Poucas vezes conseguira satisfazer a fome, senão graças à generosidade de algum freguês em cuja casa entrava a serviço de condução da roupa lavada; porque na casinha da lavadeira o pirarucu era pouco e mau, a farinha rara, os frutos luxo dos ricos, o pão extravagância de fidalgos de apetite gasto ou de doutores barrigudos e vadios. O estômago do rapaz era exigente, afeiçoara-se facilmente às gulodices das casas abastadas, onde entrava de cesto à cabeça, lançando compridos olhos para a mesa de jantar ou para o armário dos doces, até a senhora, entre um credo! e duas cruces! tinoso! lhe mandar dar alguma coisa, para que não aguasse a comida. O duplo tormento da fome e das pancadas exasperava o Macário, mas, à falta de energia, não lhe dava mais remédios do que suspiros, gritos e lágrimas. A sua devota Nossa Senhora do Carmo veio, porém, em seu auxílio.

Uma tarde, a mãe, ocupada em conter os ímpetos destruidores do amante, fatais à louça e à mobília, mandara-o levar um cesto de roupa lavada ao Seminário, e cobrar a conta do senhor reitor.

Nesse dia, a bebedeira do sargento ameaçara trovoadas grossas, e ao jantar das duas horas faltara a farinha d'água, e o pirarucu fora comido triste e só, sem gosto e às carreiras.

Macário, faminto e assustado, batera à porta do Seminário, uma grande casa séria e limpa, cheia de janelas com vidraças e de meninos alegres, brincando o esconde-esconde no vasto quintal inculto; e esse espetáculo aumentara-lhe a tristeza, ao ponto de o fazer chorar.

Mandaram-no entrar no quarto do reitor, que o estava esperando para pagar a conta.

Numa grande sala, simplesmente mobiliada, sentado numa bela rede de varandas bordadas, estava um padre gordo, moreno, acaboclado, com uma cara toda de bondade, e uma voz carinhosa. Era o reitor, o mesmo que, segundo diziam passageiros do Pará, era agora arcebispo e conde lá para as bandas do Sul.

Um curumim de onze anos, legítimo maué, de calças e camisa de riscadinho e grossos sapatos engraxados, tinha na mão um tição de fogo para acender o cachimbo de S. Rev.^{ma} cheio de perfumado tabaco do Tapajós. Ao lado um seminarista, de batina azul, sentado em cadeira baixa, lia num livro de estampas coloridas, muito enfasiado, cumprindo uma sentença, e de vez em quando interrompia a leitura, para olhar, pela janela aberta, para o quintal, e seguir com despeito os jogos barulhentos dos seus felizes colegas.

Por baixo da rede do padre, deitada sobre vistosa pele de onça pintada, uma capivara doméstica deixara-se cavalgar por um macaco barrigudo, de sedoso couro cinzento, e aos punhos da rede um periquito do Rio Branco, mimoso e verde, subindo e descendo sem cessar, pontuava com as suas notas estrídulas a voz monótona e cadenciada do seminarista preso.

Quando o Macário entrou fez-se uma pequena revolução no sossegado aposento de S. Rev.^{ma}. O seminarista fechou o livro, pôs-se de pé e começou a

fazer-lhe gaifonas por trás do grande livro de estampas. O macaco deixou a capivara, e, assustado, trepou rapidamente pela rede e subiu pelos punhos, cordas fora, até às escápulas, donde se pôs a olhar desconfiado para o rapazito, fazendo-lhe momices. O periquito desceu para o fundo da rede e escondeu-se entre as pregas amplas da batina do padre. A capivara fugiu para baixo duma cadeira. O pequeno maué deixou de soprar ao fogo de tição, e fixou no recém-chegado os grandes olhos negros, profundos e mudos.

O padre reitor largou o cachimbo e atentou na cara magra e doentia do Macário, que não tinha ainda aquela belida no olho esquerdo, nem aquele lombinho que lhe começara a surgir do meio da testa aos trinta anos, e agora ostentava a sua protuberância polida num descaro insolente.

— O que tens, tu, rapazinho, que estás tão assustado e trêmulo?

— Saberá V. Rev.^{ma}...

O tom do reitor era tão paternal e bondoso, inspirava tanta confiança e punha a gente tão à vontade, que Macário sem vergonha do seminarista nem do curumim, desatou a chorar. E depois, sentindo uma necessidade de proteção e amparo, começou a contar àquele padre gordo, bondoso e afável a desgraça que o sujeitava às brutalidades dum soldado bêbado e ao desamor da mãe desnaturada.

O padre reitor acendeu o cachimbo muito comovido, e prometeu arrancá-lo à sua situação. Justamente partia para Silves o seu amigo padre José, vigário-colado daquela freguesia.

— Vai com o padre José, rapazinho, ele te dará boa vida. Há-de ensinar-te o catecismo, a ler e a escrever. Mais tarde, se for possível, e mostrares vocação, faço-te entrar no Seminário.

Notando a alegria do Macário, o reitor concluiu:

— Hoje mesmo, à noite, talvez fale ao juiz de órfãos e ao meu amigo padre José.

E como se a idéia da projetada diligência o tivesse fatigado muito, deu um suspiro, descansou o cachimbo sobre a pele de onça pintada, e fechando os olhos ficou silencioso.

No dia seguinte Macário fora arrancado à lavadeira por dois oficiais de justiça, e uma semana depois viera para Silves, humilde e contente, seguindo o vigário-colado com um reconhecimento de cachorro socorrido. Vinte anos servira o duplo ofício de fâmulos e sacristão do padre José, um pândego! que passava meses nos lagos, tocando violão e namorando as mulatas e as caboclas dos arredores, e gastava em bons-bocados as missas, os enterros e os batizados da freguesia, e, na falta, caloteava ao Costa e Silva e ao Mendes da Fonseca, que era um deus-nos-acuda!

A sua mesa era farta, e a casa alegre.

Pela primeira vez na vida, Macário conhecera o bem-estar dum estômago repleto. O pão fresco, barrado de manteiga inglesa de barril, revelara-lhe delícias gastronômicas, de que o seu paladar exigente nunca mais se saciara, encontrando sempre novidade saborosa naquela combinação vulgar. A carne verde, gorda e fibrinosa com que os fazendeiros presenteavam regularmente o senhor vigário, o

peixe fresco do rio, a farinha graúda, amarela e torrada, vinda dos sítios do Urubus, forneciam-lhe uma diária farta, apetitosa e saudável que o retemperou e lhe deu carnes. Facilmente se afez àquele passadio, e a vida tranqüila e desocupada que levava, graças à mandriice do vigário, quase sempre ausente, o habituou ao cômodo regalado, e, franqueza! à preguicinha e à moleza.

Só o infelicitava na existência abundante gozada em Silves, a desconsideração com que tratavam o vigário, e o povo. O viver descansado e a fartura com que deleitava o estômago, os hábitos madraços não estavam em relação com a sua posição doméstica, social, e política, e essa desarmonia irritava-o, tirava-lhe às vezes o sono. Não compreendia como podia ser mal considerado um homem que comia bem, vestia bem e não fazia nada. Alimentava o ódio secreto contra o patrão e toda a gente de bem. Padre José não queria ver no sacristão mais do que um curumim tirado às brutalidades do sargento para o constituir em servidão perpétua, mas bem remunerada. Ensinara-lhe a leitura, a escrita, a contabilidade, a arte de ajudar a missa, dera-lhe umas tintas do latim necessário, fornecera-o de roupa decente, gravata, botinas; consentia-lhe que bebesse o vinho da despensa e gastasse o óleo de Macaçar do toucador, quando as mulatas não o gastavam todos nos cacheados; mas tudo isso, parece, por indolência ou por graça. Continuava a tratá-lo como ao pequeno faminto que trouxera de Manaus, apesar de lhe ver a barba na cara e o aproveitamento das lições recebidas. Devia engraxar-lhe as botinas, escovar-lhe a roupa, varrer-lhe a casa, levar recadinhos às moças. Não contente com isto, descompunha-o em público: a besta do Macário, o caolho do sacristão, o burro do meu sacrista, filho desta, filho daquela, tambor de sargento, ladrão, velhaco e outros epítetos não menos injuriosos. O sargento do corpo de permanentes moera-o com pancadas, o padre maltratava-o com palavras duras. Macário, de rodaque de alpaca, de gravata preta, de botas de rangedeira, palitando os dentes à porta do presbitério ou no adro da Matriz, sentia-se amesquinhado e infeliz. Quanto mais queria elevar-se no conceito alheio até o nível de estima que por si nutria, tanto mais lhe doíam ao amor-próprio as feridas brutais que a palavra destemperada do padre lhe causava.

Tentava reagir:

— Saberá V.Rev.^{ma} que nunca furtei nada. Saberá V.Rev.^{ma} que...

Mas o olhar irritado do padre acobardava-o, a recordação da infância miserável em Manaus e a idéia de perder os pitéus da mesa suculenta do vigário, tornavam-no prudente, quietava-se. O bom protetor do seminário passara havia anos para o seu glorioso destino, levando macacos e papagaios, e abandonando para sempre o Amazonas e o tabaco do Tapajós. Desamparado e só, Macário contemporizava e fingia. À força de habilidade conseguira ostentar certa importância pessoal, principalmente quando o vigário estava ausente. Inventava incumbências de responsabilidade, comissões graves, dizia-se depositário de segredos de valor. O senhor vigário o encarregara de cobrar as missas que lhe estavam devendo, e não eram missinhas à-toa, não eram porcarias, eram missas que importavam em quantia graúda, um horror de dinheiro capaz de saldar todas as contas de S.Rev.^{ma}. O senhor vigário mandara-o entender-se com o empreiteiro das obras da Matriz, e lhe dissera uma coisa que ia brevemente acontecer ao Chico Fidêncio, em relação à irmandade do Santíssimo Sacramento. Não mentia, tinha horror à mentira, era um pecado mortal. Mas para conciliar a consciência com as conveniências, Macário tinha o macavelismo. Um meio astucioso de tudo fazer e dizer sem ferir de frente as

conveniências e a verdade, sem desmoralizar-se, sem pecar, eis que era o macavelismo. Donde viera a palavra não sabia, nem lhe importava. Sabia apenas ter existido outrora um espertalhão chamado Maquiavel, ou Macavel, conforme melhor lhe parecia a pronúncia, e ouvira dizer que Bismark e o conselheiro Zacarias tinham muito macavelismo; gostara do termo e o adotara para seu uso.

Mas agora, era outra coisa. O novo vigário não o arrancara a fomes e a misérias, não lhe conhecia a mãe, não sabia o caso do sargento. Vinha encontrá-lo com trinta e cinco anos, gordo, de sobrecasaca, de lenço preto grave, digno, necessário, senhor dos detalhes do serviço da paróquia. O tempo ansiosamente esperado vinha por fim, prenhe de promessas fagueiras de respeito pessoal e consideração pública, reluzia-lhe diante dos olhos no espelho do lago em que se refletia o sol brilhante daquela manhã...

O silvo agudo do vapor dizendo ao longe a grande nova arrancou-o a essas reflexões. Agitado e nervoso, foi apalavrar um moleque para os repiques, e em seguida encaminhou-se para o porto, a passos apressados, desejando ser o primeiro a avistar o vulto negro do navio demandando o lago Saracá com grande ruído de rodas.

Logo os sinos da Matriz começaram a repicar alegremente, enchendo o ar de vibrações argentinas. A vila animava-se de repente, como por varinha de condão, saindo da tristeza habitual das ruas desertas e das casas fechadas para povoar-se de homens de paletó preto ou de camisa branca e de mulheres de saia curta e lenço à cabeça. Girândolas de foguetes subiram com estrépito, pondo em delírio de prazer os curumins de calças de riscado novo e camisa de algodão da terra, porfiando na conquista das taquaras que, rodopiando nas alturas, se precipitavam para o chão, ameaçando os transeuntes e espalhando o mulherio.

As ruas enfeitavam-se. Colchas de seda ou de algodão debruçavam-se das janelas, ostentando belas cores vivas, e o adro da Matriz, coberto de folhagem, oferecia a aparência graciosa dum presépio de Natal, as vacas passeando despreocupadamente o alpendre, e as cabras mastigando as folhas de mangueira e os ramos de murta dos arcos de ornamentação. O vapor da Companhia do Amazonas estrugiu os ouvidos com o assovio rouco, anunciando a chegada a toda a redondeza, onde repercutia o eco, cutia o eco transmitido às quebradas da cordilheira nas vibrações do ar; e cobria-se de espesso fumo negro, soprado a baforadas do cano vermelho e branco, numa bulha dominadora e altiva. A ancora fora largada ao rio, e as espias e amarras eram levadas em pequenos botes leves, tripulados por marinheiros, que as deviam prender aos marás da praia, a fim de proteger contra a correnteza a manobra de saída. A tripulação e os passageiros do vapor apinhavam-se no tombadilho, uns para fazer o serviço, outros para gozar o espetáculo novo do desembarque solene. Na praia estava muita gente, ou para ir a bordo nas montarias de pesca ou para aguardar o acontecimento, enfiando olhos curiosos pelos postigos do navio, na vaga esperança de avistar o novo vigário da freguesia.

Os tapuios dos sítios, no pensamento de aproveitar uma boa ocasião de negócio, preparavam as igités para levar a bordo os cestos de laranjas, as bananas, as melancias, os copus-açus, os rouxinóis, canoros, os papagaios tagarelas e os periquitos mimosos de testa amarela e asas brancas. As tapuias da vila também enviavam a oferecer à curiosidade dos passageiros as belas redes de algodão, laboriosamente feitas ao tear os urus de palha colorida, as cuias pintadas e cascos de tartaruga sem préstimo, na esperança de que algum estrangeiro esquisito os comprasse por bom preço.

Macário passava apressado. O ruído das vozes, o barulho do vapor, calmo e grande no meio das montarias e dos botes, davam ao porto de porto de Silves um aspecto anormal de animação que lhe fazia pulsar o coração no peito. Havia vinte anos que se internara no silêncio e na inércia da vida sertaneja. E naquele momento, o barco a vapor, com o seu penacho de fumo e o ruído de ferragens quebradas, com as poderosas rodas imóveis, pintadas de encarnado e preto, com os altos mastros enleados em cordas cruzadas intrincadamente, e a bandeira nacional a tremular à ré, suavemente sacudida pela brisa da manhã, contrastava de modo fantástico com a pobreza de movimento e de vida do vasto lago deserto.

No caminho, Macário encontrara os vereadores da Câmara Municipal e os juizes de paz que iam a bordo cumprimentar o novo vigário, padre Antônio de Moraes, que fizera, ao que diziam, brilhantes estudos no Seminário grande do Pará, e recusando a oferta do senhor bispo de o doutorar em S. Sulpício, a expensas da Caixa Pia, preferia vir paroquiar a modesta vila de Silves. Esta informação, trazida pelo imediato do vapor, que desembarcara com as malas do correio, circulava rapidamente e provocara um entusiasmo respeitoso entre as pessoas gradas da terra.

Macário chegara ao porto do desembarque e aí devia esperar essas pessoas para as acompanhar a bordo.

Quando passou pela loja do Costa e Silva, à Rua do Porto, um sujeito baixo, magro, enfezado, fumava cigarros e limpava as unhas, olhando para o lago.

— Bom-dia, seu Chico Fidêncio, disse Macário, tirando o chapéu.

O sujeito respondeu:

— Viva!

Macário seguiu o seu caminho, desapontado. A presença daquele homem ali, naquela ocasião, o incomodava. Foi-se postar a alguma distância, mas não tirou os alhos da loja do Costa e Silva. Três ou quatro rapazes bem vestidos vieram reunir-se ao Chico Fidêncio, formando um grupo estranho ao sentimento geral da população de Silves.

Chico Fidêncio passava em revista mordente as pessoas gradas; e comentava o acontecimento do dia com azedume e pilhéria, animado e secundado pelos rapazes que o cercavam e riam a cada palavra dele. As vítimas mostravam-se constrangidas, cumprimentavam a contragosto, sentindo na pele a agudeza dos comentários, e seguiam o seu caminho, levando no ouvido a vibração das risadas zombeteiras dos rapazes roda.

Macário, furioso, ouvia as queixas amargas das pessoas desacatadas.

A bordo, Macário foi o primeiro que falou com o vigário de Silves. Era um rapaz alto, de boas cores, cabelos e olhos negros, muito novo ainda. Vestia uma batina nova, muito bonita, e tinha na mão grande chapéu de três bicos, novidade em Silves.

Mas o Macário não podia examinar S. Rev.^{ma} bem à sua vontade. O tombadilho estava cheio de gente, não só passageiros, homens de fraque preto e chapéu de pele de lebre, mulheres de casaquinha branca rendada e saias de lã ou de seda; como ainda marinheiros com largas jaquetas de pano azul e boné de galão. Ora, toda esta gente olhava para os homens da terra, como se estivesse vendo bichos, e tornava-se incômoda afinal. Macário estava em brasas, não por si, afinal

era filho de Manaus, duma capital, estava costumado a ver gente, mas pelos companheiros — coitados! que não sabiam como evitar aqueles olhares curiosos e impertinentes!

Felizmente uma sineta deu o sinal convencionado de que a demora do vapor não seria longa. As malas de S. Rev.^{ma} já estavam no escaler da Agência, que as devia levar para a terra. O comandante, em tom de bonomia grosseira, declarou que o vapor ia largar, pois não podia demorar-se naquela tapera, por ter necessidade de chegar cedo a Serpa, onde desembarcaria muita carga para o Madeira.

- Para a terra quem for de terra! concluiu com um gesto largo de despedida.

Quando o vigário passou, acompanhado por muita gente, pela loja do Costa e Silva, o Chico Fidêncio pôs-se na pontinha dos pés, para melhor apreciar a saída do pacote, afetando não prestar atenção ao fato que agitava a população toda. Os rapazes da sua roda imitaram-no, falando em voz alta da manobra do navio.

Então o professor Aníbal, pardo, de cabelo à escovinha e óculos de tartaruga, saiu da comitiva do vigário, e, amparado pelo escudo moral do coleguismo, aproximou-se do grupo do Chico Fidêncio, sorrateiro, quase sem ser visto, e quando se achou entre o colega e os rapazes, perguntou-lhes, para entabular conversa, se sabiam da história, contada pelo imediato do vapor, relativa á preferência dada a Silves sobre S. Sulpício, uma coisa soberba, uma prova da desinteresse e da virtude do novo vigário. Era de bom agouro, e fora a notícia desse fato que o levara, a ele Aníbal Brasileiro, a bordo do pacote. O colega bem sabia, ele também não era lá muito amigo de padres. Mas uma coisa assim! Deixar S. Sulpício e vir para Silves! É dum patriotismo! exclamou gesticulando e cuspidando longe.

— Brocas da padraria, resmungou Chico Fidêncio, pondo-se a assoviar a Marselhesa, sem retirar os olhos do vapor, que se ia desaparecer por trás dum estirão de terra.

Macário apressou o passo para alcançar a comitiva do senhor vigário, murmurando:

— Cambada!

CAPÍTULO II

Os amigos despediram-se afinal. Padre Antônio ficou só, sentindo necessidade de repouso. Seriam três horas da tarde. O calor era intenso.

Erguera-se aquele dia antes do romper da aurora e mal fundeara o vapor, tivera de receber os seus paroquianos, que se apresentavam em maioria de sobrecasaca de lustrina, calças de ganga amarela, mostrando em grandes manchas claras os chapéus de palha da Bolívia, vistosos e baratos, fingindo Panamás.

Quem primeiro lhe falara fora o sacristão, um tal Macário de Miranda Vale, moço corpulento, com uma belida e um lombinho, todo cheio de si dentro da comprida sobrecasaca de grandes pregas duras. Dera-se a conhecer como o destinatário da carta que o padre, por informações que o Filipe do Ver-o-peso colhera do seu correspondente Costa e Silva, havia escrito para Silves. Em primeiro lugar, o Macário vinha agradecer a S. Rev.^{ma} as expressões delicadas que usara na missiva, e, em segundo lugar, cientificá-lo de que a casa estava pronta e mobiliada. E tudo baratinho e decente. Depois o sacrista apresentara as principais pessoas da

terra com muita cerimônia, e na intenção de informar a S. Rev.^{ma}, em poucas palavras, das distintas qualidades daqueles cavaleiros:

Fora uma enfiada:

— O tenente Valadão, subdelegado de polícia, muito boa pessoa, incapaz de matar um carapanã.

Era um sujeito magro, esgrouviado, tísico. Tinha um comprido cavanhaque grisalho, e usava óculos.

— O senhor capitão Manoel Mendes da Fonseca, coletor das rendas gerais e provinciais, negociante importante, traz aviamentos de contos de réis. O Elias tem muita confiança nele. É influência política e dispõe de muitas relações boas.

Este era barrigudo e reforçado. Usava a barba toda e trazia a camisa muito bem engomada. Parecia um homem de toda a consideração.

— O senhor presidente da Câmara, alferes José Pedreira das Neves Barriga, que alugou a casa a S. Rev.^{ma}.

Descendente de espanhóis, muito boa pessoa, mora no sítio, ao Urubus, quase nunca vem à vila. Cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo-Cordeiro.

— O escrivão da coletoria, Sr. José Antônio Pereira moço de muito bons costumes.

Baixo, magro, mal barbado. Dentinhos podres, olhinhos mal abertos.

— O senhor vereador João Carlos, íntimo do senhor capitão Fonseca.

— O Sr. Aníbal Americano Selvagem Brasileiro, professor régio, inteligente e sério.

Era um mulato, de óculos de tartaruga.

— O Sr. Joaquim da Costa e Silva, que tem uma boa loja à rua do Porto, e faz o comércio de regatão, mais por divertimento do que por necessidade. É bom católico e fornece notícias ao Diário do Grão-Pará.

— O Sr. Antônio Regalado, o Sr. Francisco Ferreira, uma chusma, de que se destacava um sujeito de cara redonda. Dele Macário dissera em voz alta:

— O Sr. Pedro Guimarães, eleitor.

E depois acrescentara com voz baixa, curvando-se para o padre, familiarmente:

— Chamam-lhe o Mapa-Múndi, mas é boa pessoa.

Tivera de sorrir a toda aquela gente, de apertar-lhe a mão oferecendo os nenhuns préstimos dum humilde criado. Os silvenses diziam:

— Não há de quê...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

